

<http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s25912755/soyskswnj>

## Trabajo fotográfico

# Sobre o protagonismo dos carregadores em tempos de COVID-19, no contexto da feira do açaí, em Belém (Brasil)

**Miguel de Nazaré Brito Picanço**

*ALERE, grupo de Pesquisa em História da Alimentação e do Abastecimento na Amazônia, Brasil*

Micanbri2013@gmail.com

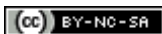
**Resumo:** Este ensaio fotoetnográfico “fala” sobre o protagonismo do trabalho de alguns atores sociais belenenses, que, mesmo diante de incertezas e vulnerabilidade, contribuem significativamente para a continuidade da tradição de comer açaí em Belém e sua região metropolitana em tempos de pandemia do novo Coronavírus. São eles: os trabalhadores carregadores de açaí, cujas importâncias se revelam nas funções laborais que desempenham todas as noites no contexto da feira do Açaí, em Belém do Pará, em meio às incertezas e vulnerabilidades impostas pelo Covid-19, conforme mostram as imagens que seguem.

**Palavras-chave:** trabalho. Açaí. Covid-19. Belém.

## About the protagonism of shippers in the days of COVID-19, in the context of the açaí fair, in Belém (Brazil)

**Abstract:** This photoethnographic essay “talks” about the protagonism of the work of some social actors in Belém, who, even in the face of uncertainty and vulnerability, contribute significantly to the continuity of the tradition of eating açaí in Belém and its metropolitan region in times of pandemic of the new Coronavirus. They are: the workers who carry açaí, whose importance is revealed in the work functions they perform every night in the context of the Açaí fair, in Belém do Pará, amid the uncertainties and vulnerabilities imposed by Covid-19, as shown in the images that follow.

**Key words:** informal work. Açaí. Covid-19. Belém.



<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Los autores conservan sus derechos

## Sobre el protagonismo de los porteadores en tiempos de COVID-19, en el contexto del mercado del açai en Belém (Brasil)

**Resumo:** Este ensayo fotoetnográfico "habla" del protagonismo del trabajo de algunos actores sociales de Belém que, incluso ante la incertidumbre y la vulnerabilidad, contribuyen significativamente a la continuidad de la tradición de comer açai en Belém y su región metropolitana en tiempos de la nueva pandemia de Coronavirus. Son: los trabajadores que transportan el açai, cuya importancia se revela en las funciones laborales que realizan cada noche en el contexto de la feria del açai, en Belém do Pará, en medio de las incertidumbres y vulnerabilidades impuestas por Covid-19, como se muestra en las siguientes imágenes.

**Palabras clave:** trabajo. Açai. Covid-19. Belém.

No ano de 2015, a UNESCO outorgou a Belém o título internacional de cidade criativa da gastronomia, conferindo à capital paraense a condição de cidade brasileira referência mundial em gastronomia, integrando-a a uma rede de cidades que buscam desenvolvimento de maneira sustentável e de modo socialmente justo. Essa qualidade gastronômica atribuída a Belém deve-se também ao costume de comer açai, que é próprio dos paraenses, constituindo esse fruto em uma das mais importantes comidas do referido estado. Em Belém, por exemplo, o fruto é alimento diário, é o prato principal da mesa daquela gente, degustado sempre com farinha de mandioca, com farinha de tapioca, com camarão, peixe assado ou com farofa de charque, com ou sem açúcar. Por essa intensa presença na mesa e na vida daquela gente o açai é aqui pensado como patrimônio alimentar dos paraenses.

É importante saber que o Pará produz mais de 1.273.000 mil toneladas de açai por ano, em uma área superior a 219 mil hectares, constituindo-se no maior produtor do fruto no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE). Quase toda a produção do fruto é comercializada na feira do açai, situada no complexo do Mercado Ver-o-Peso, no centro de Belém. As atividades da feira iniciam a partir da meia-noite, quando os barcos vindos das mais variadas regiões do estado e carregados de rasas de açai (as rasas são paneiros que funcionam como unidade de medida para a comercialização do açai, geralmente cada uma delas comporta 28 kg) aportam às margens da Baía do Guajará e, a partir de então, as rasas começam a ser desembarcadas e ali negociadas.

A relevância do Açai para os paraenses, em especial para os belenenses, é tanta que, durante a pandemia do Covid-19, seu consumo foi legalmente assegurado, isso porque a prefeitura de Belém, por meio do decreto 96.190/2020, reconheceu a comercialização do fruto como serviço essencial. Esse feito garantiu a continuidade da tradição de comer açai, assegurando sua condição de patrimônio alimentar de Belém, em tempos de proibições e limitações da vida impostas pela pandemia. O supracitado decreto dedicou um inciso que versava sobre os procedimentos a serem adotados pelos proprietários dos pontos de venda de açai que são comumente encontrados por todos os bairros

de Belém. O texto garante a comercialização, desde que seja nos sistemas *delivery* e *take away*, isto é, ou se entrega em domicílio ou o cliente encomenda e retira no estabelecimento.

Isso posto, convém lembrar que Belém, assim como praticamente toda a humanidade, encontra-se marcada por incertezas que foram instauradas desde o primeiro momento em que a pandemia tornou-se conhecida, exigindo de todos, além do isolamento físico e social, mudanças profundas e imediatas em quase todas as dimensões da vida, inclusive naquelas referentes à comida. (GÓMEZ-REYES, Ortiz, 2020).

É nesse contexto que situo aqui o protagonismo de alguns atores sociais belenenses que, mesmo diante das incertezas advindas da pandemia, contribuem significativamente para que o hábito de comer açaí pudesse ser mantido em Belém e sua região metropolitana em tempos, reconhecidamente difíceis, de Covid-19. Refiro-me aos trabalhadores carregadores de açaí, cuja importância se revela nas funções laborais que desempenham todas as noites, na feira do açaí, onde, da meia-noite até o raiar do sol, eles transportam o fruto, ora dos barcos para os vendedores da referida feira, que fica às margens da Baía do Guajará, ora destes para os donos dos pontos de venda do fruto, que se encontram distribuídos por todo o território da capital paraense.

Sendo assim, postula-se aqui que provavelmente, sem o trabalho dos carregadores, a tradição de comer açaí estaria comprometida. Assim, eles, ainda que expostos ao perigo da contaminação do Novo vírus, têm garantido, de certo modo, a soberania alimentar na capital paraense, ou seja, o direito dos belenenses de continuar comendo açaí, diante de um cenário de proibições, limitações e mudanças. Portanto, é sobre o protagonismo do trabalho dos carregadores de açaí, no contexto da feira do açaí, em tempos de Covid-19, que “falam” e nos convidam a pensar (SAMAIN, 2012, 2015) as imagens que seguem.











































Por fim, se faz necessário pontuar que as imagens deste ensaio, ao mesmo tempo que “falam” da importância dos carregadores para manutenção das práticas alimentares de Belém, especialmente daquelas relacionadas ao açaí, também revelam a condição insalubre e precária as quais esses trabalhadores são diariamente submetidos.

Essas condições podem ser notadas, por exemplo, no mau uso das máscaras ou até mesmo na ausência delas, conforme mostram algumas das imagens acima. Como é sabido, o uso adequado das máscaras torna-se condição imprescindível para o enfrentamento da pandemia, e os carregadores são sabedores disso, porém, conforme relato de alguns deles, o uso constante das máscaras enquanto trabalham constitui-se em tarefa praticamente impossível, pois com regularidade, no sobe e desce dos paneiros e dos sacos, assim como por conta do suor constante provocado pelo esforço físico exigido para locomover os carrinhos, as máscaras são retiradas de seus rostos independente de suas vontades, o que os tornam ainda mais vulneráveis ao vírus.

Afora isso, não se pode esquecer que esses carregadores compõem a geografia do trabalho informal e, conforme apontado pelo IBGE, eles somam-se aos mais de um milhão e duzentos mil trabalhadores paraenses, que, por não terem outras possibilidades e movidos pela necessidade de sobreviver, se submetem às condições precárias e às mazelas que são próprias do trabalho informal.

## REFERÊNCIAS

- Gómez-Reyes, E.; Ortiz, V. (2020) COVID-19 impactará em la forma de comer y mirar los alimentos. Disponível em: <https://www.linkedin.com/content/guest/article/covid-19-impactar%C3%A1>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção da Extração vegetal e da Silvicultura. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/289>.
- Prefeitura Municipal de Belém. Decreto 96.190/2020 de 27 /04/2020. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=393690>
- Samain, E. (2005) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/senac.
- Samain, E. (2021) *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp.